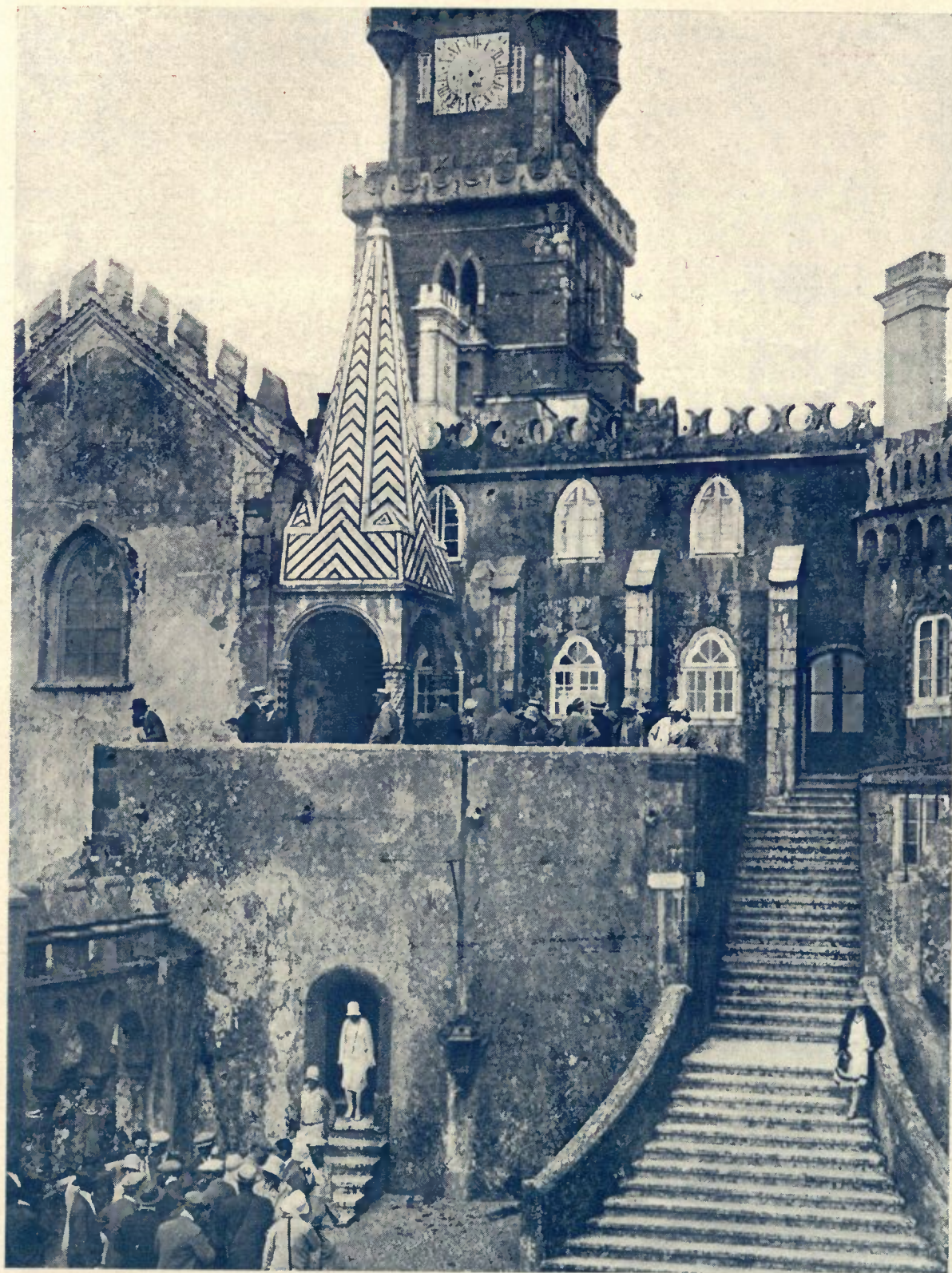


# ALMA NOVA

PREÇO  
ESC.  
2 \$ 50

NÚMERO  
3  
V SÉRIE



Os excursionistas ingleses do "Cap Lay", que recentemente passaram por Lisboa, na sua visita ao Palácio da Pena, em Sintra

<b>ASSINATURAS</b> (Pagamento adiantado) País e Col.      Estr. ANO (12 N.ºs)..... 25\$00      30\$00 SEM. (6 N.ºs)..... 13\$00      16\$00 NÚMERO AVULSO 2\$50	<b>ALMA NOVA</b> Fundador - Cereente: Mateus Moreno Administrador: Mantel A. Coutinho Junior Direcção: Dr. Emilio Salgueiro, Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno. Redactores - Secretarios: Dr. F. d'Ascensão Mendonça, Dr. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt.	REDACÇÃO - ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA Travessa de André Valente, 7 - 1.º E. <b>LISBOA</b> Propriedade e Edição da Cooperativa Editora e Tipográfica "RESSURGIMENTO"
--	--	---

## S u m á r i o

Capa: A visita dos excursionistas do "Cap Lay" ao Paácio da Pena, em Sintra.	FOTOGRAFIA
Contas... correntes: (Notas e Ecos, — com 1 des. de Tagarro).	A REDACÇÃO
Contos e Novelas: Tão longe!... (com 1 des. de Roberto Nobre).	NOGUEIRA DE BRITO
Actualidades: Notas gráficas do mês.	FOTOGRAFIAS
Actualidade regional: Praias do Algarve.	JOSE DIAS SANCHO
Páginas etnográficas: Simbolismo da barba.	J. LEITE DE VASCONCELOS
Crónica Literária: (Letras Portuguesas e Brasileiras).	REBELO DE BETTENCOURT
O Teatro: As estrelas da temporada que vai começar.	FOTOGRAFIAS
As nossas Colónias: Angola.	F. D'ASCENSAO MENDONÇA
De todo o País: (O nosso programa).	A REDACÇÃO
Arte: Columbano (des.).	RAFAEL BORDALO PINHEIRO
Costumes, Tipos e Paisagens Portuguesas.	FOTOGRAFIAS

### EXPECIENTE

*Avisamos os nossos Ex.<sup>mos</sup> assinantes que ainda não satisfizeram as suas quotas de assinatura do corrente semestre (n.º 1 a 6), de que nesta data são as mesmas remetidas á cobrança, muito lhes agradecendo a sua liquidação ao serem apresentadas, afim de nos evitarem contratempos e despesas. Pela gentileza lhes fica desde já muito grata.*

A ADMINISTRAÇÃO

## Amigos da "Alma Nova"

Assim consideraremos todas as pessoas que nos obtiverem 10 assinantes semestrais, ou se subscreverem alguma só vez com uma assinatura cu seu equivalente, ou hajam prestado á «ALMA NOVA» quaisquer auxílios materiais ou morais que lhes dêem jus a esse título.

Todos os «AMIGOS DA ALMA NOVA» ficarão com direito a que o seu nome figure sempre nesta página, a receber a revista gratuitamente e a entrar livremente em todas as suas festas, exposições e conferências.

Iniciando a já numerosa lista de boas e liais amizades, ás quais pode dizer-se que se deve a manutenção da «ALMA NOVA», aprás-nos registar até hoje os seguintes nomes:

- Dr. Jaime da Graça Mira, Professor, e Diplomado em Farmácia.
- Sr. Cruz Magalhães, Escritor, Poeta, e benemérito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, — Lisboa.
- Dr. José Guerreiro Murta, Prof. Advogado, e Escitor — Lisboa.
- Sr. Francisco das Dores Gonçalves, Presidente do Centro do Algarve, — Rio de Janeiro.
- Dr. F. Carmo e Cunha, Chefe de Rep. do Min. do C. e Advogado.
- Dr.<sup>a</sup> D. Branca Lopes Martins, Professora, e Escritora, — Porto.
- Sr.<sup>a</sup> D. Maria Magdalena Martel Patricio, Escritora, — Lisboa.
- « Condessa de Proença - a - Velha, Escritora, — Lisboa.
- Sr. João Saavedra Machado, Artista, — Pedrouços.
- Tenente Simeão Vitória, Prof. e Escritor, — Loanda - Angola.
- Eng.<sup>o</sup> A. Veloso de Araujo, Proprietario, e Escritor, — Farnacão.
- Dr. Sinões Ratola, Escritor, — Lisboa.
- Cap. Francisco da Silva Pinto, — Lisboa.
- Dr. F. Godinho Cabral, Oficial do Exército, e Advogado, — Lisboa.
- Sr. J. Gostinho Fernandez, Industrial, — Lisboa.
- Ten. da Marinha J. Rodrigues Casene, — Silves.
- Sr. José de Sousa Gago, Professor, — Silves.
- « José Samora Barros, Prof. e Artista, — Albufeira.
- Dr. M. Pereira da Silva, Proprietario, e Jornalista, — Lisboa

(Continua).

*A «Alma Nova» não faz política partidária, — é uma revista puramente nacional. Ajudar a mantê-la é, por isso, um dever de todo o bom português.*

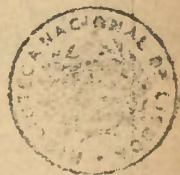
## DROGARIA E PERFUMARIA

■■■  
 COLOSSAL  
 SORTIDO  
 DE  
 PERFUMARIAS  
 DOS MELHORES  
 FABRICANTES

"VELOUTINES" E PERFUMES A PÊSO  
 COMPLETO SORTIDO EM  
 ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS  
 NACIONAIS E ESTRANJEIRAS

Alvarez & C.<sup>a</sup> Irmão  
 221 -- RUA DA PRATA -- 225  
 LISBOA  
 TELEFONE N. 741

ALMA  
NOVA  
REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL



## UM LIVRO DE ARTE



## COLUMBANO

Desenho de Rafael Bordaio Pinheiro, um dos muitos e preciosos trabalhos do genial humorista, que Saavedra Machado escolheu para ilustrarem o seu formoso livro «O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo», livro que será editado pela Cooperativa "Ressurgimento", em fascículos de luxo, devendo sair o primeiro por todo o mês próximo.

## Contas... correntes

### ACLARAÇÃO NECESSÁRIA

**P**orque nem todos os leitores da «Alma Nova» apreciaram as palavras de abertura da presente série dentro da imparcialidade política e da sinceridade patriótica que as ditou, apressamo-nos a esclarecer que esta revista, fiel às suas tradições, só tem um objectivo a cumprir: — ser útil ao País.

Nem inclinações partidárias, nem amizades pessoais, nem mesmo os particulares interesses da sua vida material a desviarão jãmais de tal rumo. Seria, além disso, trair as boas amizades à sombra das quais se tem mantido, vai para catorze anos, proceder de modo diferente.

### UMA QUADRA

**A** confirmar o assêrto de que não há escritor em Portugal que não seja ou não tivesse sido poeta, uma vez pelo menos na sua vida literária, está a linda quadra do distinto professor da Escola Militar, sr. coronel Mario de Campos, que a seguir transcrevemos e que acaba de ser mandado colocar junto á lápide comemorativa dos alunos daquela Escola mortos na Grande Guerra:

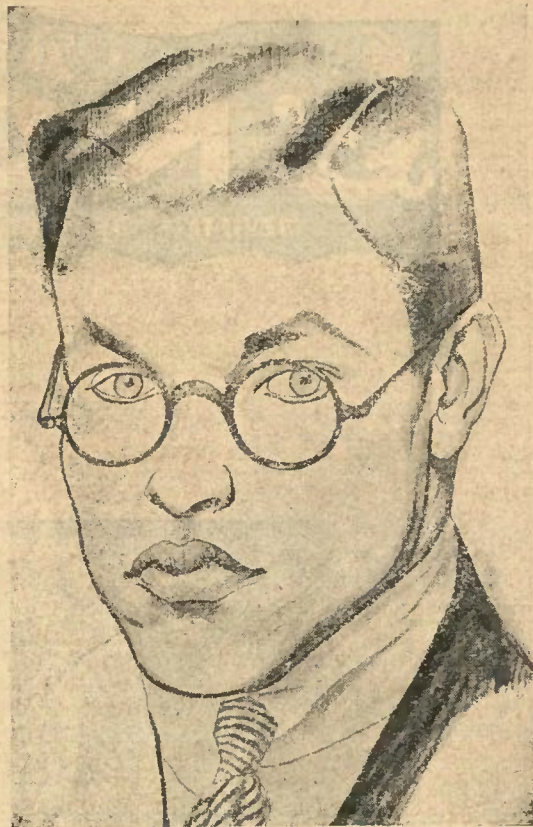
«A todos vós o nosso preito abarca  
E glorifica pelo tempo fóra,  
Rezando o verso eterno de Petrarca  
Un bel morir tutta la vita onora...»

### OS NOSSOS COLABORADORES

**R**ecomeçam no n.º 4 a colaborar na «Alma Nova» dois velhos amigos e cooperadores desta revista: Saavedra Machado e Cruz Magalhães; o primeiro com um magnífico



O distinto escritor sr. coronel Mário de Campos



Adolfo Faria de Castro, joven e talentoso escritor que tem dedicado á «Alma Nova» a sua melhor actividade e vai brevemente publicar um formoso livro de crónicas sob o título «Barro em pó».

(Des. de TAGARRO)

retrato do Dr. Magalhães Lima, seu último trabalho no género, e o segundo com algumas notas biográficas sôbre o mesmo eminente escritor e homem público. Outros nomes, e dos maiores, nas artes e nas letras contemporâneas, virão também, nos números próximos, honrar as nossas páginas, tendo-nos já prometido a sua colaboração, entre outros, os escritores srs: Dr. Júlio Dantas, Manuel Ribeiro, A. da Costa Leão, Frazão de Vasconcelos, Lyster Franco, Caetano de Sousa, coronel José Paulo Fernandes, etc; e os artistas: Martinho da Fonseca, António da Costa, Raul Xavier, Jorge Barradas, Cunha Barros, João José Gomes, Alfredo Cândido, etc.

No Porto, Coimbra, Évora, Faro, e em todas as localidades do país, além de representações e agências, temos também já diversos colaboradores promovendo o estudo das principais necessidades e aspirações locais.

### OS NOSSOS CONCURSOS

**A** «Alma Nova» inicia hoje três originaes concursos artistico-literários:

- 1.º — E' escritor ou artista? — Quem é?
- 2.º — Qual o escritor novo que mais aprecia?
- 3.º — Qual o artista novo (Escultor ou Pintor de Arte) que mais admira?

Julgamos êstes três concursos de molde a despertarem o maior interesse do público leitor e por isso lhos recomendamos.

## C o n t o s e N o v e l a s



Êle.— Fica-te mal o vestido "azur-foncé". A tua palidez resalta mais impressiva ainda desse fundo de pétalas suaves arquitetado pela mão hábil duma "première" pouco previdente.

Ela.— Que queres; a modista veste como a Soberania da da Moda lhe impõe. Que importa que a um rosto amarelado vá mal um tecido vivaz de turquesa agressiva. Não há rosto, não há corpos, há somente a ditadura férrea dos costureiros de Paris, Londres e Berlim.

Êle.— Na tua pele morena, quente, descançam mal essas pérolas alvíssimas que os quiromantes de joias fabricam na ânsia de concorrência ás verdadeiras, que custam mihões. São gôtas de gelo na mornidão aromática da tua epiderme trigueira.

Ela.— É o colo da mulher que torna as pérolas preciosas. As verdadeiras sôbre uma pele morena reinam mais a custo. Têm um langor doentio, não permitem que o donaire feminino se exalce, fazem-lhe sombra.

Êle.— Anéis com rubís, pulseiras com brilhantes côr de rosa apertam inexoravelmente os teus dedos fuselados e os teus pulsos marfíneos. É a afronta do artifício à candura deliciosa, ao fervor incomparável do teu corpo liberto de algemas. Livres as tuas mãos, soltos os teus pulsos, há no ar gestos de música idílica, oceanos volúpicos de carinhos ignorados.

Ela.— São halos de estrelas, diademas que aureolam a carne palpitante da mulher, para que os olhos desejosos posem na contemplação do corpo que em breve se desfolha.

Êle.— E os teus pés martirisados, asfixiando-se nos modelos rígidos dos cortes de calçado os mais caprichosos? Porque os não deixas abandonados a si próprios, caminhando como corolas de flores, movendo-se como hastes de lírios?

Ela.— Não há esveltez no pé que anda liberto; no presídio que lhe deram floresce o equilíbrio da curva amena das côxas, canta o ritmo do passo no trilar dos saltos esguios sôbre a pedraria das calçadas, ao descer.

## Tão longe!...

Por

Nogueira de Brito

(Des. de Roberto Nobre)

Ela.— Não te agrado? Em mim nada há que vibre aos teus

olhos reparadores, e que toque os teus sentidos gastos?

Êle.— Quero-te assim e sem ser assim, porque te quero muito, porque te quero sempre! Há no teu corpo o mistério invisível, latente, davorador da atracção que parecendo dominar o furor da posse, mais o ateia á proporção que o teu corpo roça pelo meu. É o hálito duma volúpia minaz que me enovela no prazer de te magoar, de te cobrir de beijos, de sorver a tua pele e advinhar a tua alma!

Ela.— E... agrado-te?

Êle.— Como não hás de me agradar, se tu andas já dentro do meu ser, se as nossas carnes não se distinguem já e quando um coração estremece, o outro estremece também? Tu não andas sósinha, andas sempre comigo, é o unísono da palpação amorosa que nós realizamos!

Ela.— E afinal estamos... tão distantes!



## PÁGINAS ETNOGRÁFICAS

## Symbolismo da barba

A BARBA COMO SIMBOLO DE VIRILIDADE  
E DE HONRA, DONDE PROVEM ESTE SIMBOLO

Um dote físico, que na mulher é desgosto, serve de orgulho ao homem como símbolo de virilidade e de honra, ao que sumariamente me referi nas *Lições de Philologia*, p. 87-88; cfr. também Adrião in *Rev. Lusit.*, XIX, 59-61; e supra (*A barba em Portugal*), cap. I.

Os rapazes, quando estão próximos da puberdade, comecem logo a tactear a cara, e a puxar pela penugem, na esperança e no desejo de encontrarem barba que os faça homens. Canta-se vulgarmente a tal respeito uma cantiga:

Estes meninos d'agora  
São franguinhos de vintem,  
Prometem 10 réis ás almas  
A ver se lh'a barba vem...

cantiga, como ponderaria um Alemão, «rica de conteúdo», — porque, pela comparação dos rapazes com frangos, liga-se a uma das funções mais activas da vida da linguagem, qual a da criação metafórica, tão fecunda no vocabulário quotidiano, como na escolha dos apelidos, e pela promessa ás almas pertence ao extenso quadro das crenças populares: a isto agrega-se o pensamento geral satírico que conjuga aqueles dois, traduzido, de mais a mais, por forma simples e elegante. Eis outra versão da mesma cantiga:

Estes mocinhos d'agora  
Só dizem que têm, que têm:  
Prometem dez réis ás almas  
P'ra ver se l'a barba vem...

a qual me cantaram em Anha, concelho de Viana do Castelo. Como variante das duas cantigas se póde considerar de certo modo a seguinte, que colhi no concelho de Melgaço, onde é muito conhecida:

Estes rapazes d'agora  
São poucos, nem barba têm:  
Já deram dez réis ao cuco  
A ver se a barba le vem...

(le por «lhes»). Com ela se relacionam as frases que vou mencionar, ouvidas por mim no mesmo concelho de Melgaço, e que lhe servem de explicação. De um rapaz que ainda não tem barba caço-a-se assim: «ha-de-se fazer uma encomenda ao cuco, para te trazer a barba para o ano»; e de um que, a-pesar-de estar nas mesmas condições, já namora: «tens de dar dez réis ao cuco, para te trazer a barba para o ano que vem». Ao aparecer na cara a primeira pe-

luge (vid. ob. cit. cap. I.)<sup>(1)</sup>, diz-se ao respectivo rapaz: já tens os pêlos do cuco: é que já lhe deste os 10 réis!» Se a barba só nasce no mento, e não no resto da cara, o pobre rapaz ouve dizerem-lhe: «tu não encomendaste a barba ao cuco, mas á poupa!», onde poupa (ave) é simples trocadilho com o verbo poupar (barba poupada, isto é: rara, ou incompleta). Segundo a crença popular, o cuco dá pois a barba, e torna-se necessário pedir-lha.

Porque é que o cuco (*Cuculus canorus* de Linn.) dá barba ao homem? A razão, quanto a mim, está em ser o cuco ave da Primavera, anunciadora dela. Um provérbio nosso diz: *se o cuco não vem entre Março e Abril, || ou o cuco é morto, ou não quer vir*. Variante da segunda parte: *ou o fim (do mundo) está para vir*. O não vir naquele prazo o cuco, isto é, no começo da Primavera equivaleria a interromperem-se as leis da Natureza. É bem sabido que o cuco emigra no tempo frio para climas quentes, e volta á sua terra quando o tempo melhora. Já na antiguidade clássica se celebrava o character primaveril da ave. Ela acompanha as festas do consórcio de Zeus e Hera, ou do Céu e da Terra<sup>(2)</sup>. Na Primavera vicejam as plantas, e ornamenta-se de flores toda a Natureza. A barba do homem é comparável a rebento vegetal: e pois que os verdores da primavera os anuncia ou acompanha a vinda do cuco, isto foi considerado causador deles (*post hoc, ergo propter hoc*), e *ipso facto* do rebento da barba, esta aparente vegetação do rosto humano<sup>(3)</sup>.

J. Leite de Vasconcelos

(1) A barba ainda muito tenra chama-se «penugem», em latim «lanugo». Cada povo tirou a metáfora daquilo que lhe pareceu mais mimoso: nós, de «pena» (de ave: isto é, da rama da pena); os Romanos, de «lana» (lã). No Alto Minho, em vez de «penugem» dizem «peluge» (= pelugem, de «pêlo»), e por gracejo: «pêlo de rato».

(2) Cfr.: A. de Gubernatis, *My thologie zoolog.*, II, 243 e Otto Keller, «Die antike Tiesswelt, II (Leipzig 1913), 63-67.

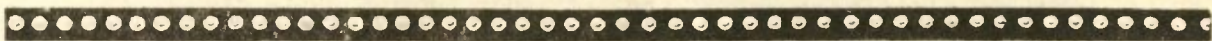
(3) Á barba que nasce no mento do homem attribuiu-se o nome de um fruto («pera»).

## COLABORAÇÃO:

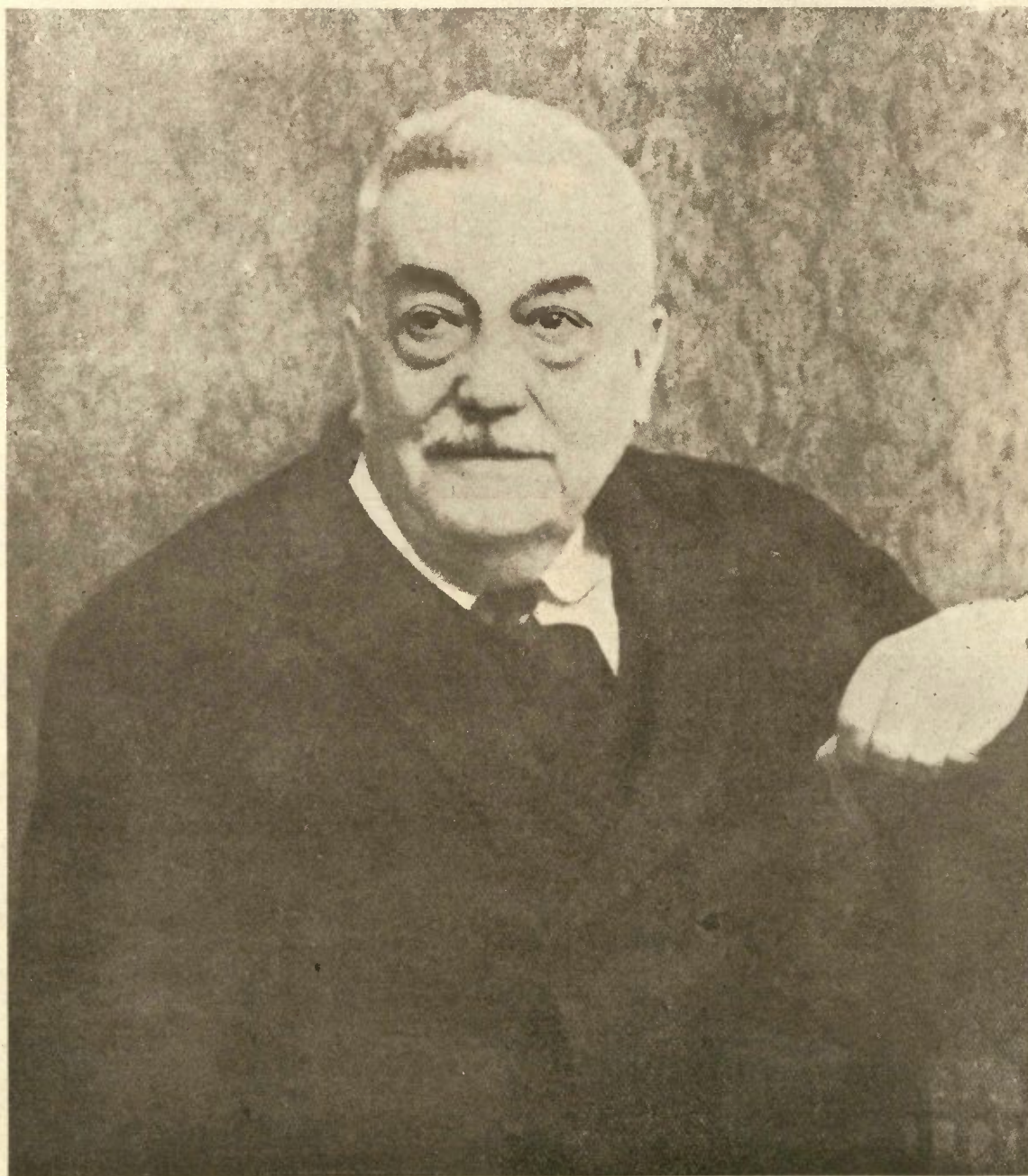
Pela necessidade de variarmos o mais possível a colaboração da Alma Nova, de molde a tornarmos a sua leitura a todos agradável e proveitosa, somos forçados a deixar para os números seguintes alguns dos artigos já anunciados.

# ACTUALIDADES

N O T A S   G R Á F I C A S   D O   M Ê S



UMA FIGURA LITERÁRIA



**JÚLIO MONTEIRO AILLAUD**

Culto e estimado livro-editor, chefe das livrarias Aillaud e Eertrand e um dos fundadores da nossa importante colega «A Ilustração», cujo falecimento em Paris, a 10 do mês findo, deixou de luto as letras portuguesas.

## CONFRATERNIZAÇÃO LUSO-ESPANHOLA



O grande aviador espanhol Ramón Franco, heroico comandante da «équi»pe do «Plus;Ultra», que fez a travessia Espanha—Argentina, «posando» para a imprensa, na sua recente visita a Lisboa, entre os nossos ilustres aviadores, o sábio almirante Gago Coutinho e o sr. ten.-coronel Cifka Duarte.

## A "Semana do Livro,"



Dr. José de Freitas Basto, digníssimo Director-Gerente da Livraria Leite-Ribeiro, do Rio de Janeiro, a quem se devem os melhores elogios pelo êxito que obteve a «Semana do Livro Português», ultimamente organizada na grande capital sul-americana pelo inteligente livreiro do Porto sr. Fraga Lamares.

O sr. Americo Fraga Lamares, activo editor portuense, que muito tem ultimamente trabalhado pelo intercâmbio literário luso-brasileiro e peninsular, vai brevemente realizar em Lisboa a «Semana do Livro Brasileiro» complemento lógico da «Semana do Livro Português» que recentemente realizou no Rio de Janeiro.



SR. AMERICO FRAGA LAMARES

## ACTUALIDADES LUSO-BRASILEIRAS

## ■ FIGURAS E FACTOS



O sr. Arcebispo do Rio de Janeiro, que recentemente esteve em Lisboa, com Sua Eminência o Cardial Petriarca, na sua visita ao Paço Episcopal.



Dr. RAUL CARMO E CUNHA

Novo de muito merecimento e de inegável relêvo em assuntos económicos e financeiros, que recentemente foi incumbido de ir ao Brasil syndicar os serviços da Agência Financial do Rio de Janeiro. A objectiva do rosso correspondente focou o nosso illustre amigo na sua visita ao Morro da Urca, no Rio. Ao fundo, esbate-se a monumental silhueta do «Pão de Açúcar».



Dr. EGAS MONIZ  
BARRETO DE ARAGÃO  
(Pethion de Villar)

Eminente poeta, médico distinto e notável figura política do Brasil, falecido em dezembro de 1923, na Bahia, e de quem a «Alma Nova» está dirigindo a publicação de um grosso volume das suas melhores poesias.



O actor brasileiro Procopio Ferreira, que brevemente nos visitará.

A CERIMONIA EXPIATÓRIA DOS COMBATENTES FRANCESES



Os generais srs. Norton de Matos, Abel Hipólito e Roberto Baptista à frente dos combatentes portugueses, caminho do consulado Francês.

EXERCÍCIOS DE ARTILHARIA



Os srs. Ministro da Guerra e General Domingues, Governador Militar de Lisboa, assistindo aos brilhantes exercícios de fogos reais, realizados em Oeiras, no mês findo, pelas nossas baterias de Costa.

## “ALMA NOVA,”

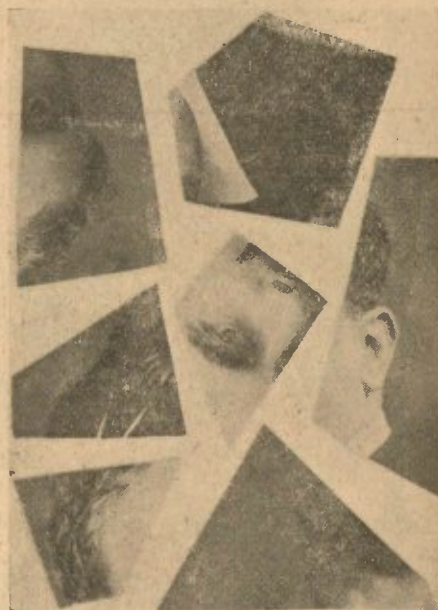
V SÉRIE

NUM. 3

1.º

¿É escritor ou artista?

¿Quem é?



Recortar, colar no quadro a baixo e escrever o nome de quem é.

ATENÇÃO:—Cortar a meia página inferior pelo filete a seguir e metê-la numa capa, passando no fim do concurso um fio ou fita pelos pontos indicados O-O

As cadernos envolvidos em capas artísticas serão arbitrados prémios especiais.

## INSTRUÇÕES

O concorrente deste original concurso só tem de recortar os bocados da gravura que damos nesta página e recompôr a figura a que pertencem, a qual será sempre o retrato dum dos nossos mais conhecidos escritores ou artistas vivos. Sôb a figura, colada numa folha de papel, escreverá depois o nome do escritor ou artista. No fim do concurso, em praso a indicar, encerrará todas as folhas numa capa e envia-las-há á redacção da «Alma Nova», recebendo em troca uma senha com um número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

O concurso constará de 6 figuras, sendo admitidos todos os concorrentes que tenham adivinhado pelo menos 4. Brevemente se publicará a lista dos prémios.

■ ■ ■

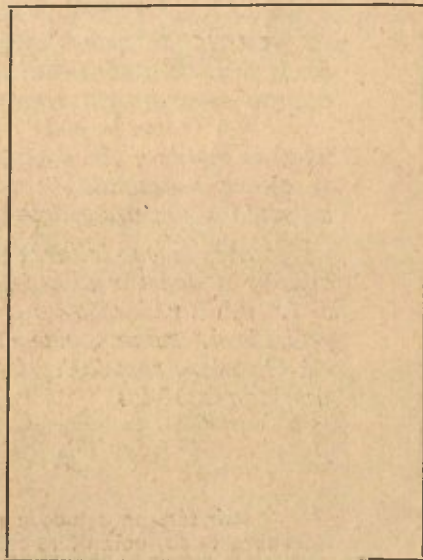
2.º Qual o escritor novo que mais aprecia?

3.º Qual o artista novo (pintor de Arte ou escultor) que mais admira?

A L M A N O V A

1.º concurso

Reconstituição da figura n.º 1



Nome



Emocionante novela de Ramón Maria Tenreiro  
Versão autorizada de EUNICE FRANCO  
Um dos maiores sucessos literários da Espanha  
Moderna.

Volume de 90 páginas

Preço 3 \$ 50.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Deposito: Travessa de André Valente, 7 - 1.º

Remessas contra-reembolso

## " A G a r o t a "

*Atendendo aos incitantes aplausos e gerais provas de simpatia com que foi acolhido o n.º 1 de «A Garota», esta publicação, que viu pela primeira vez a luz da publicidade como suplemento artístico e recreativo da «Alma Nova», passou desde o n.º 2 a constituir uma nova revista, completamente à parte da «Alma Nova», embora subordinada à mesma gerência técnica e administrativa.*

*«A Garota» poderá assim dar mais largas à sua endiabrada veia humorística, de molde a vir a ser aquela publicação galante de que há tanto em Portugal se estava esperando; e a «Alma Nova» não chegará, ao mesmo tempo, a ver alterada a sua necessária e imprescindível compostura.*

*Aos novos leitores e coleccionadores de «A Garota», que serão decerto todos aqueles a quem o número dois fôr remetido, avisamos de que podem requisitar o 1.º n.º à redacção; e aos Ex.ºs assinantes da «Alma Nova», que receberam o referido n.º como suplemento, avisamos também de que podem continuar a receber «A Garota», com 20% de desconto nas suas assinaturas, desde que nos declarem desejar recebê-la.*

### A N O S S A S A I D A

Por termos estado a montar as respectivas oficinas tipográficas, não saíram a 15 de Setembro tindo, como fôra anunciado, a "Alma Nova" e "A Garota", as quais passam, desde a presente data, a sair normalmente, em cada mês.

A todas as pessoas a quem pela primeira vêz fôr remetida qualquer das nossas publicações, agradecemos a sua devolução imediata, caso não desejem assiná-las.

**A** «Alma Nova» não tem côr politica, é exclusivamente dos seus amigos e assinantes; Espera, por isso, que todos a auxiliem, assinando-a e recomendando-a.

Nos próximos números, colaboração inédita de: Dr. Julio Dantas, Dr. Eugénio de Castro, Coronel José Paula Fernandes, Cruz Magalhães, Luís Chaves, Capitão José Brandão, etc.

TODOS OS ESCRITORES  
TEEM INTERESSE EM  
SER SÓCIOS DA



Cooperativa Editora  
e Tipográfica  
**'RESSURGIMENTO'**



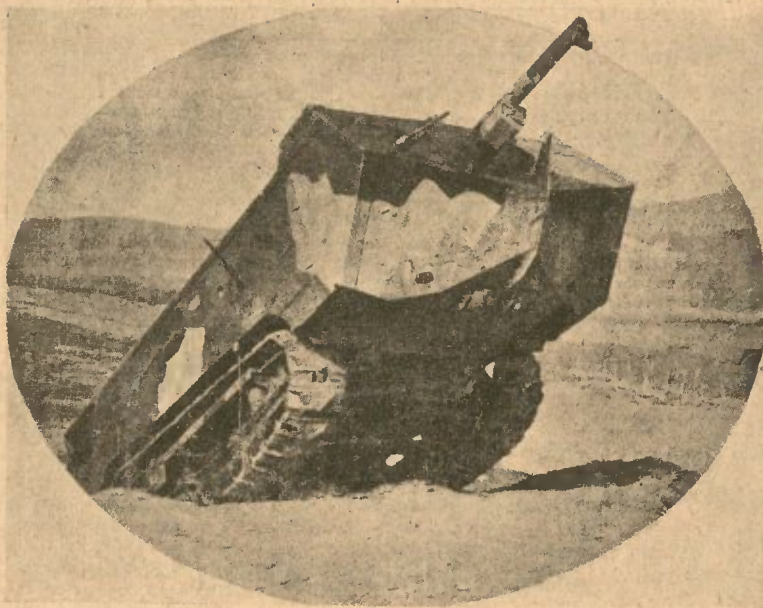
FACILIDADES  
E ECONOMIA  
NA EXECUÇÃO  
DE  
L I V R O S



Acções desde 20 a 5.000 Escudos

Pedir boletins e instrucções à  
Séde social — Trav. d'André Valente, 7, 1.º E.  
L I S B O A

# 'Edições Ressurgimento'



"Carro d'assalto". Uma das varias illustrações do livro "A Nova Guerra"

## A NOVA GUERRA E A ARTILHARIA

Pelo  
Ten. Mateus Moreno



Pedidos á

Cooperativa Editora e Tipográfica  
"RESSURGIMENTO"  
Palácio Murça—T. de André Valente, 7-1.ºE  
LISBOA

### A NOVA GUERRA e a Artilharia

#### INDICE DOS CAPITULOS

##### DEDICATÓRIA.—PREFACIO.

##### Cap. — Antes da Grande Guerra

I—A Artilharia de Campanha, sua organização e emprego no inicio de conflagração.

II—A Artilharia alemã.

##### Cap. II — No fim da Grande Guerra

I—Evolução da Artilharia durante a Grande Guerra. Suas principais características.

II—A Artilharia divisionária francesa. Seu confronto com a alemã.

III—Características tecnicas da evolução da Artilharia.

##### Cap. III — A Nova Guerra

I—A possibilidade de novas guerras.

II—A nova tactica. Principios gerais.

III—A futura artilharia; suas propriedades características.

##### ANEXOS:

A.—A missão, emprego e organização modernas da Artilharia de «Campo de Batalha», — pelo ten.-coronel José Jorge Ferreira da Silva.

B.—A classificação das armas segundo o Novo Regulamento Provisório do Serviço de Campanha.

Um volume ilustrado 7350

No prelo:

## "O DIABO, Mestre de Dança"

pele Dr. Luiz d'Oliveira Guimarães

Não deixe de anunciar no próximo número da «Alma Nova»

## INSTITUIÇÕES BENEMÉRITAS



A direcção da Associação Humanitaria «Cruz de Malta», comemorando a 26 de Setembro findo o 10.º aniversário daquela prestante instituição, complimentou S. Ex.<sup>a</sup> o chefe do Estado, que na gravura se vê ao centro, a quem expôs a embaraçosa situação em que a mesma Associação se encontra, para continuar a sua obra benemérita. O sr. General Carmona prometeu recomendar o assunto ao chefe do Governo.

## A ASSOCIAÇÃO DOS FRAGATEIROS DO PORTO BRANDÃO



O sr. ministro da Instrução, Dr. Alfredo de Magalhães, na sua visita á Associação dos Fragateiros, em Porto Brandão, apreciou muito a obra patriótica e benemérita daquela instituição operária.

A ACTUALIDADE REGIONAL

## Praias do Algarve

Crónica de José Dias Sancho

Meados de Agosto, principios de Setembro, todo o algarve demanda as suas praias.

O calor, por aqui, não é tropical, como muitos crêem, mas faz o suficiente para apeteer a beira-mar refrescada pelas virações, e os longos banhos na água azul, em treinos de natação.

Por isso, assim que Agosto vai em meio, o algarvio faz as suas malas, mal cu bem arruma as suas ocupações, e toma o automóvel ou o comboio com a idéa fixa de mergulhar no mar.

Monte-Gordo, Manta-Rota, Albufeira, Armação de Pera, Praia da Rocha, Luz de Lagos... Às vezes, o banhista não sabe por onde escolher!

Mas a verdade é que, escolhido o rumo, não pensa noutra coisa senão — em banhar-se e divertir-se!

Caem governos? Muito bem! Eu cá estou na praia!

Treme a Terra? E depois? Deixem-me dormir em paz! Há ameaças duma guerra universal? Puff! Como sabe bem a gente balouçar-se nas ondas!

E o algarvio está na praia, dorme em paz e balouça-se nas ondas, convencido de que cumpre os ritos duma religião...

Com o "maillot" e o decote a praia não é quasi o Paraizo? Sem duvida! Um Paraizo com muitos pecados originais, e algumas maçãs dignas de não lhes recusarmos os dentes!

Final, o que é uma praia? E' lugar um onde elegantemente a gente se despe!

Parece até que a civilização das praias está na razão directa do pouco vestuár o...

Dize-me como andas nú, e dir-te-ihei a praia que frequentas!

Monte-Gordo, Manta-Rota, Albufeira, Armação de Pera, Praia da Rocha, Luz de Lagos!

E' todo um formilhar de linhas esculpturais por essas franjas de espuma da costa!

As onze horas da manhã, Neptuno accorre sempre em sobresalto julgando ouvir risos de Naiades!

Hora do banho, hora religiosa, hora gloriosa!

Quando o friso das raparigas se despreza pela areia, entregando os lençoes coloridos aos banheiros, até parece que a luz do sol sabe mais a oiro e que a pupila do mar mais se tinge de azul!

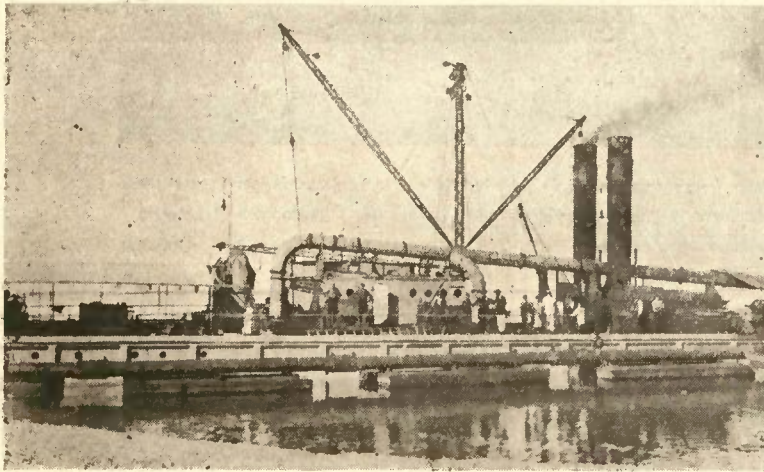
Entram na água docemente, e logo os rapazes, — os tritões —, se precipitam nas ondas, alardeando alegria e alardeando vigôr.

As praias do Algarve! As praias dos rostinhos moiros, com olhos de carvão, as praias das areias e das rochas doiradas, as praias queridas do Atlantico!

Fazes bem, algarvio! Quando chegam os calores do verão, fazes bem em arrumar como podes o teu trabalho, e em correr sofregamente para a tua costa linda, que o oceano banha, enlaça e une num grande abraço!



Ilha da Culatra, na ria de Faro, junto ao ponto onde vai ser aberto o porto comum de Faro-Olhão.



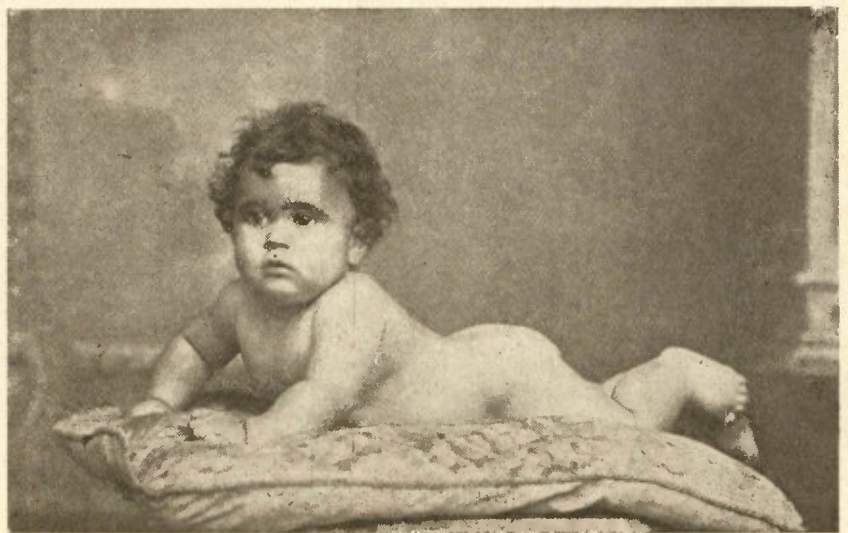
A draga que se encontra actualmente em serviço na abertura do porto comum Faro-Olhão.

A ACTUALIDADE

■ INFANTIL ■



O menino Gustavo Esteves d'Assunção, interessante filhinho do nosso camarada de "A Garota", sr. Domingos d'Assunção, que há dias festejou o seu primeiro aniversário.



# Costumes, Tipos e Paisagens

N O A L G A R V E



Vida rural : As sementeiras



## NA SERRA DA ESTRELA



ALVOCO DA SERRA.—Trecho da Aldeia : Uma rua.



ALVOCO DA SERRA :—Uma casa.

(Fot. do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. L. W. Carrisso)



# O TEATRO



AS ESTRELAS DA TEMPORADA QUE VAI COMEÇAR



Segundo o crítico teatral do «Diário de Notícias», embora ainda não estejam definitivamente organizadas algumas das empresas que hão de explorar o teatro na próxima época, as artistas de drama, comédia, opereta e revista que trabalharão como «estrelas» nos diversos teatros de Lisboa e Porto, devem ser as de que damos acima os retratos. São elas, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Luisa Satanela, no teatro Avenida; Auzenda de Oliveira, no S. Luis; Palmira Bastos, no Ginásio; Elisa Santos, no Salão Foz; Deolinda de Macedo, no teatro A'guia de Ouro, do Porto; Berla de Bivar, no Nacional; Hortense Luz, no Maria Vilória; Lucília Simões, no Trindade; Elisa Carreira, no Eden; Filomena Lima, no Apolo; Raquel Barros, no Variedades, do Parque Mayer; Clemilda de Oliveira, como empresária, no teatro Carlos Alberto, do Porto, e Adalina Fernandes, no Politeama.

LIVROS E AUTORES

## Crônica Literária

de Rebelo de Bettencourt

**No Declínio** (*Romance contemporaneo*) pelo Visconde de Taunay — 3.<sup>a</sup> edição. — Editora, Comp. Melhoramentos de S. Paulo.

A literatura brasileira não é bem conhecida em Portugal. E' uma injustiça de que nos devemos penitenciar, é uma ignorância que é necessário corrigir. Porque além da literatura das terras de Santa Cruz possuir grandes nomes como poetas, prosadores e filósofos, ela tem, por via do sangue português, grandes pontos de contacto com a nossa, e manifesta num ou noutro espírito, numa ou outra época, influências maiores ou menores do nosso passado domínio político. São duas literaturas irmãs, a brasileira e a nossa, embora com característicos diferentes, que importa conhecer. Apenas alguns nomes nos são familiares, como Coelho Neto, o água-fortista do *Sertão* e o novelista excelso de *A Conquista*; João do Rio, que tão amigo foi de Portugal e dos Portugueses; Casimiro d'Abreu, o melancólico poeta das *Primaveras* que tem sido sempre tão amado e compreendido pelas almas românticas do nosso doce país, e ainda outros como Garcia Redondo, o humorista notável da *Salada de fructas* e da *Cara Alegre*, Sylvio Romero, historiador da Literatura Brasileira, pensador e etnólogo, Almachio Diniz, Vicente de Carvalho, e poucos mais que a acreditada livraria Chardron de Lelo e Irmão vem editando há longos anos.

Teve também entre nós uma grande côrte de admiradores a obra extraordinária de Olavo Bilac, poeta e artista que nos assombra pela rima milionária e elegante architectura dos seus versos em que arde perenemente a chama vermelha do seu lirismo sensual.

Desconhecemos outras individualidades que pela sua arte original e pelo seu temperamento imprimem á literatura brasileira uma nova feição e um character autónomo.

Machado de Assis, o admirável prosador do *Braz Cubas*; José de Alencar, o contista da *Luciola*; Barreto Lima, que escreveu as *Recordações do escrivão Isaias Caminha*; Aluizio de Azevedo, o realista illustre de romances como *O Cortiço* e *O Coruja*; Tobias Barreto, filósofo; Joaquim Nabuco e outros, são quasi totalmente desconhecidos entre nós. Os novos, como Olegario Mariano, o poeta d' *As Cigarras*; Ronald de Carvalho, artista do verso, e Oliveira Viana, interessante temperamento de historiador e filósofo, apenas um ou outro curioso os conhecem. Vale a pena conhecer a literatura brasileira, e

tanto vale que a Faculdade de Letras de Lisboa criou uma cadeira de Estudos Brasileiros e entregou-a ao grande escritor dr. Manoel de Sousa Pinto. As lições d'este professor deveriam ser publicadas, pois teem sido notáveis. A sua publicação alargaria muitíssimo o número dos conhecedores da literatura do Brasil.

Tôdas estas minhas palavras veem a propósito dum livro do Visconde de Taunay: — *No declínio*. Desconhecia este autôr e por isso foi com curiosidade que percorri as suas 156 páginas, em que vivem algumas figuras bem delineadas. O Visconde de Taunay, que nasceu no Rio de Janeiro em 1743 e veiu a falecer em princípios de 1899, é dos escritores da sua época o que mais perto se encontra da corrente realista. Os seus descriptivos não são longos — e os seus personagens não só vivem da pintura do meio, mas também e principalmente dos seus diálogos, em que se nota uma preocupação de naturalidade.

O notável crítico José Verissimo, ao noticiar o aparecimento d'este romance, diz que lhe encontra algumas desigualdades, embora o assunto não seja banal e o final do romance tenha sido tratado com distincção e vigor.

Concordamos em que o assunto não é banal e que algumas figuras teem um bom desenho, como a de D. Lucinda Mendes Soares, a protagonista do romance, e as de D. Helena Glerk e seu sobrinho Eduardo. Concordamos com tudo isso, menos com o remate, que não achamos tratado com distincção e vigor. O final é psicologicamente falso. Quero crêr que se o seu autor vivesse ainda hoje, o modificaria por completo. Vejamos porquê. D. Lucinda, viuva de «um tal Ramos Soares, rapaz rico, fundamentalmente insignificante, nem peixe nem carne», vem um dia a apaixonar-se, aos 44 anos, por Eduardo Glerk, mancebo de rara distincção e intelligência, por quem algumas mulheres já tinham praticado algumas loucuras. D. Lucinda, apesar da sua idade, era ainda bela, dessa beleza que parece eternamente môça. Ama e sabe que é amada. Como se sente bastante mulher — ela que tem vivido casta, na tranquillidade retirada da sua casa, tenta fugir à tentação do amor. Em vão. E um dia, as palavras apaixonadas de Eduardo perturbam-na tanto que, ao voltar a si, reconhece que já não se pertencia, mas a Eduardo Glerk... Entreolham-se os dois como dois criminosos, e Eduardo, atônito, indignado de si mesmo pede perdão...

Perdão de quê? Não eram os dois livres?! E mesmo que o não fossem, não é o amor tão ciosamente egoista, que a nada atende? Para o amor,

senhor absoluto das almas e dos corpos, não há preconceitos e obstáculos. O que impedia, pois, os dois de se amarem? A viuvez de Lucinda? Compreende-se que ela fosse fiel á sombra quasi diluida do insignificante marido, enquanto não conheceu o homem que lhe fez acordar o seu coração tranqüilo e virgem ainda de amôr. Pecado, aquele amôr que não fôra santificado pelos laços matrimoniais? Mas o Visconde de Taunay apresenta-nos Lucinda assim, logo na primeira página: *e, de mais a mais, nada devota, propensa sequer á igreja...*

O autôr deste romance, se o escrevesse hoje, dar-lhe-ia um outro desfecho, mais natural e mais humano. E se persistisse ainda em separa-los um do outro, por um mútuo arrependimento do doce e humano pecado do amôr, esse arrependimento só appareceria muito mais tarde, quando a desilusão de dois temperamentos ou o cansaço de duas almas se fizessem sentir mais dolorosamente...

**O ensino inicial da leitura e da escrita, pelo prof. João da Silva Correia.**

Ha quem não acredite na nova geração. Bem sei que vivemos numa época de descrença e que a esperança de um melhor futuro scintila em poucas almas apenas. Eu creio na nova geração. Aprendi em Teófilo Braga a acreditar num destino mais alto da nossa nacionalidade, e a voz do caluniado mestre enche-me a alma inteira de uma esperança maior, que me enternece e perturba.

Não faltam afirmações de valôr dentro da nova geração. Em todos os campos elas nos apparecem: na poesia, na crítica, na prosa, na música e nas belas artes; afirmações tão altas e formosas como as melhores das gerações passadas. Acreditemos todos na geração nova. E' certo que atravessamos há bastante tempo uma longa e funda crise. Mas não somos nós os culpados dela. Já um dos mais interessantes espíritos da geração mais velha, o dr. Henrique Trindade Coelho escrevia, em *A Pátria* de 13 de Dezembro de 1920, estas significativas palavras, que constituem uma dolorosa confissão de derrota de uma geração falhada:

«A mocidade, propriamente, não incumbe qualquer papel político. A mocidade, antes de educar e dirigir, tem que ser educada e dirigida. O contrário dará o que deu a minha geração: a anarquia mental.»

.....  
«O papel da mocidade não é fazer análise: é fazer caricatura. Não é discutir-nos: é assobiarnos.»

Para não cairmos também numa anarquia mental semelhante à da geração que nos procedeu, senão mais desordenada e profunda, o que devemos fazer? Nada mais nada menos do que coordenar todos os valores dispersos. E' um problema de coordenação o nosso, e não outro. Porque não se procedeu ainda a essa coordenação é que uma grande crise vai abrindo sulcos pro-

fundos na consciéncia portuguesa. Saibamos, pois, coordenar os nossos valores e os nossos esforços, dando á nossa cultura literária e científica uma finalidade, e a nossa missão será cumprida.

Um dos maiores e mais prestantes nomes da geração nova é o do professor dr. João da Silva Correia, intelligéncia robusta e vasta, e incansável trabalhador. Os seus trabalhos sôbre pedagogia e filologia marcam sempre notavelmente pelo estudo consciencioso, pela clareza da exposição e pelo proveito que deles se tira. A par de tudo quanto se escreve sôbre a língua portuguesa, o dr. João da Silva Correia é por todos os motivos um dos discípulos mais illustres do sábio e benemérito professor Doutor Leite de Vasconcelos.

O folheto que temos presente — *O ensino inicial da leitura e da escrita* — contem a matéria tratada numa conferéncia que se realizou na Sociedade de Geografia, em 16 de Junho de 1926, a convite do Núcleo do Professorado Primário Oficial.

Três dos nossos mais conhecidos pedagogos: —Castilho, João de Deus e Borges Grainha, são discutidos com intelligéncia, sabendo louvar-lhes as qualidades e apontar-lhes com justiça os erros que apparecem nos seus métodos.

Na verdade, o método de João de Deus deveu a sua notoriedade quasi unicamente á politica. Grande poeta sentimental que soube reflectir na sua alma e nos versos brandos a alma amorosa e singela do povo português — houve nele mais intuição do que cultura, e o seu método, que ainda hoje se alimenta da fama que o poeta excelso do amôr alcançou, tem que sêr pôsto de parte, como inútil, pela falta de preparação psicológica e pedagógica que revela.

A notável conferéncia do dr. João da Silva Correia devia sêr lida e meditada por todos quantos se interessam pela instrução infantil. Vale bem um programa de trabalho. Tente-se a experiéncia, que não é difficil. Talvez mesmo aproveitando-se o que Castilho e Borges Grainha tem de bom e seguindo-se o conselho sábio do Doutor Ovidio Deroly, se consiga obra não destituída de utilidade. O problema da instrução em Portugal tem que ser estudado e resolvido. Sem a resolução dêsse problema, o nosso resurgimento não será possível. E todos nós, que amamos e sofremos por saber amar a nossa terra, desejamos que Portugal se europeize de nôvo, que de nôvo êle venha a ser o vasto império. E como tudo entre nós tem de ser recommçado e pelo princípio, principiemos pela instrução infantil. Nas páginas da notavel conferéncia do dr. João da Silva Correia ficou delineado a traços largos e precisos um excelente programa. Que saibam compreendê-lo e servi-lo todos quantos pela instrução da criança se interessam.

Rebello de Bettencourt

N. R. — Nesta secção far-se-á sempre referéncia a todas as obras de que nos sejam remetidos dois exemplares — um para a redacção e outro para o crítico.

## A S N O S S A S C O L O N I A S

## ■ A n g o l a ■

*Um dos nossos redactores-secretários — o dr. Francisco de Ascensão Mendonça —, culto e dedicado Assistente de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que partiu recentemente para Angola em missão científica, dirigida e organizada pelo ilustre Director do Jardim Botânico da referida Universidade, sr. dr. Luís W. Carrisso, acaba de remeter-nos dali as suas prometidas impressões sobre a nossa maior e mais importante colónia africana.*

*Para o alto critério científico e imparcialidade descritiva dessas impressões, chamamos a atenção dos leitores da «Alma Nova».*

S. Paulo de Loanda, 24 de Junho de 1927.

Meu querido Mateus:

Estimo a tua boa saúde. Fizemos uma ótima viagem. Desembarcamos em Loanda no dia 16 á noite. Temos feito pequenos passeios nos arredores da cidade. Ainda não tomamos verdadeiro contacto com a natureza. Do que temos visto não te posso dar impressões que interessem.

A região do litoral é uma região sem chuvas, onde as culturas são muito precárias. O que desanima é a falta de uma boa técnica de culturas. Cultiva-se nesta região principalmente a mandioca, algum milho e sorgo. As variedades cultivadas são misérrimas e os métodos de cultura são absolutamente primitivos e selvagens. O *Dry-farming* e a selecção de sementes daria resultados surpreendentes.

Parto amanhã de manhã para a Lunda, para a sua capital, Saurimo, a cerca de 1.200 qm. da costa. Demoraremos 8 dias em *Dala-Tando*, 3 em *Malange*, etc. Do que achar notável te darei notícia.

A nossa ida para a Lunda foi-nos imposta, por ser absolutamente desconhecida.

*Francisco.*

Saurimo, 17 de Julho de 1927.

Meu querido Mateus:

Escrevo-te da capital da Lunda, a mais de 1.000 qm. para o interior. Para aqui chegar percorremos mais de 2.000 qm. de automóvel e cerca de 400 qm. de comboio. Claro que estes 2.000 qm. resultam das digressões, ora para a direita ora para a esquerda da estrada que directamente liga Loanda a Saurimo. Os zig-zags fizemo-los com o fim de observarmos o que de mais interessante se encontra entre o litoral e estas longíquas paragens do interior.

Esquemáticamente, vou tentar dar-te um esboço do que observei.

Não te falarei de Loanda, que nos deixou uma impressão desagradável. Loanda é a manga de alpaca, a *quitanda* e o botequim. E é Loanda a capital deste grande e formidavelmente rico país!

Ao longo da costa estende-se a planície se-

mi-desértica onde rareiam as chuvas, onde a vegetação xerófita é dominada pelo monstruoso ibondeiro. Aqui e a acolá o indígena estabelece a sua lavra de mandioca, a preciosa planta que sabe extrair do solo resequido os mais fugazes vestígios da humidade e armazena nas suas raízes o finíssimo amido, que a indústria selvagem aproveita sob a forma duma farinha grosseira — a *fuba*.

Ainda nesta zona, aqui e acolá, se cultiva o milho e o sorgo. Mas que culturas, anto Deus! A prática agrícola é selvagem; a semente é lançada à terra sem que esta tenha sofrido a preparação necessária, e depois é abandonada à acção da natureza sem mais cuidados que os da colheita do misérrimo fruto. Nada ha feito sobre a selecção de sementes e aperfeiçoamento de cultura. A prática do *Dry-farming* é, como já disse, desconhecida. E ela seria grandemente proveitosa, mesmo numa fase rudimentar.

Este aspecto semi-desértico do litoral é modificado pela presença dos rios, que transportam até ao oceano todo o seu caudal, — o Bengo e o Cuanza.

O Bengo, numa extensão de cerca de 80 qm. para montante da fóz, corre num vale de aluviões fertilíssimos, de cerca de 10 qm. de largura, em média. Estes magníficos terrenos são propriedade de uma companhia que os conserva no mais criminoso abandono, explorando quasi exclusivamente o *capim*, que como forragem envia para Loanda na importância média de 18.000\$00 mensais. E, contudo, esta vastíssima extensão, de um solo feracíssimo, é a pátria de eleição da palmeira do *den-den* (*Elaeis guineensis* L.), que fornece o óleo de palma e o *coconote*. E' uma formidável riqueza por explorar.

A cerca de 80 qm. de Loanda, para o interior, entre o Bengo e o grande rio Cuanza, encontra-se uma região algodoeira. Catete é o centro desta região. Para o norte de Catete, nas margens de uma grande lagóa tributária do Bengo, tem o estado uma estação de cultura de algodão. Não a dirige um técnico algodoeiro, como seria natural, mas um funcionário que se colocou ali, certamente por conveniência urgente de serviço... Na mesma região, para o sul, encontra-se, nas

margens do Cuanza, a cultura do algodão de uma companhia do Porto, cultura que é dirigida por um autêntico técnico algodoeiro, o nosso patricio Manoel Guerreiro Beatriz. Tive muita pena de o não poder visitar e vêr as culturas que dirige

\*

No dia 25 de Junho saímos de Loanda no comboio de Malange. A cêrca de 100 qm. da costa começam-se a subir os primeiros degraus da serra. Muda o cenário. A vegetação enriquece-se de espécies e dimensões. Em breve o comboio atravessa florestas duma magestade deslumbrante.

E' aqui a pátria do café, ou melhor, começa aqui. Até *Dala-Tando*, capital do distrito de Cuanza-Norte, aonde nos dirigimos, a nossa admiração vai sempre crescendo. Que maravilha! — perigosa maravilha para quem a quizer prescrutar... O mosquito — a grande féra —, a môsca do sôno, cobras de veneno fatal, tudo alberga esta feracíssima região.

*Dala-Tando* é a capital de uma região quasi do tamanho de Portugal. E' uma capital nova, com 4 ou 5 anos, com o seu palácio do governo — uma casa de linhas sóbrias, confortável e higiênica —, mais duas ou três casas confortavelmente habitáveis, depois mais uns barracões co-

bertos de ferro zincado — as casas do comércio, dêste comércio que nos causa enjôo só de o vêr, mesmo a distância.

No entretanto, *Dala-Tando* é uma capital de brilhante futuro. O Governador deste distrito é um algarvio, activo, pouco palrador, respeitado e acatado por todos os seus subordinados, — é, e n síntese, *a autoridade*. E' natural de Lagos, mas, pelo que lhe ouvi, ama mais a África do que a sua terra.

O capitão Vieira Fernandes, que é este o seu nome, tratou-nos gentilmente e proporcionou-nos algumas visitas aos pontos mais interessantes dos seus *Domínios*.

Uma dessas visitas foi á Companhia do Cazenigo, á fazenda *Protótipo*, que na verdade é um protótipo de *primitivismo*! Como tudo isto desconsola! Uma Companhia que dizem próspera, senhora de extensões riquíssimas, enormes, explorando por processos primitivos apenas uma insignificante parte do seu território — terrenos de café!... Disseram-me que os dirigentes desta companhia são briosos officiais da nossa marinha de guerra, chefiados, se não estou em erro, por Ernesto de Vasconcelos.

(Conclui no próximo número)

## De todo o País

**A** «Alma Nova», desejando imprimir o máximo desenvolvimento aos seus planos de acção regionalista, base para o estudo dos principais problemas do ressurgimento nacional, além de fazer visitar, pelos seus enviados especiais, os pontos mais importantes e característicos do País e das Colónias, vai também nomear desde já representantes seu em todas as localidades do continente e possessões onde ainda o não tenha, mantendo sempre, d'oravante, esta secção. Com a respectiva documentação gráfica nas páginas de actualidades, fixará mensalmente todos os acontecimentos locais que interessem ao desenvolvimento e valorização pátrias.

E é assim que, na efectivação deste patriótico plano, tendo partido recentemente para Angola, em missão de estudo, um dos nossos redactores-secretários, foi o mesmo incumbido de remeter-nos dali as suas impressões sobre o estado actual da nossa mais importante colónia africana, bem como os possíveis documentos gráficos; igual incumbência tendo recebido outro nosso redactor — o dr. M. Gomes dos Santos — que à Madeira e Açores foi, em nome da Associação dos Alunos da Escola Superior Colonial, estudar a obra de Colonização portuguesa nos mesmos arquipélagos.

A obra de estudo e propaganda nacional que pretendemos assim realizar, é, inegavelmente, útil ao País. Confiamos, por isso, no concurso das figuras de representação e dos elementos sinceros de todas as nossas provincias, ilhas e possessões ultramarinas.

A maneira galhardamente afectuosa como o Dr. Gomes dos Santos foi recebido nos Açores e as gentilíssimas expressões que a imprensa local nos dirigiu, são-nos já animadoras provas da nítida compreensão dos nossos patrióticos fins, por parte dos habitantes das gloriosas ilhas Atlanticas. Sem tempo nem espaço para mais, limitamo-nos hoje a transcrever as palavras que, apoz o seu regresso nos enviou o nosso querido redactor:

«Meu caro Mateus Moreno: ... agradeço-lhe, desvanecidamente, a credencial da «Alma Nova» para me apresentar nos Açores.

Fiz uma esplendida viagem, de cêrca de um mês, visitando quasi todas as ilhas do misterioso arquipélago açoriano. Colhi todos os elementos de estudo que me foi possível e travei relações amistosas com pessoas de alta mentalidade. Infelizmente, a passagem por cada ilha foi bastante rápida, indo de algumas horas a um, dois e e trez dias, o máximo. Portanto, foi uma visita quasi vertiginosa, que, apesar disso, me serviu para colher as melhores impressões acerca da boa gente açoriana e das belezas panorâmicas e riquezas do solo.

Realisarei uma conferência mais ou menos subordinada ao tema: «Visão patriótica dos Açores. — A marinha de guerra e a aproximação moral entre Portugal continental e insular.

Trago fotografias óptimas, sobretudo do Faial, e preciso de me referir à reconstrução da cidade da Horta, imensamente prejudicada pelo terremoto, (a) — *Gomes dos Santos.*»

# **R** O Y A L - P H O T O

ATELIER DE ARTE FOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO L.<sup>DA</sup>

RUA DO CARMO, 55-1.º

( A O C H I A D O )

L I S B O A

G R A N P R I X

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

DO RIO DE JANEIRO DE 1923

# **M** i g u e l o n t e i r o

T R A S - O S - M O N T E S

V I L A R E A L

43, P. RIO DE JANEIRO, 43

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

Encarrega-se da edição de vistas  
de qualquer localidade do país  
P E D I R O R Ç A M E N T O S

# **E** M Í L I O S A L G U E I R O

A D V O G A D O

RUA AUGUSTA, 188-3.º E.

L I S B O A

( T E L E F O N E C. 1954 )

## L i v r o s à v e n d a n a

COOPERATIVA EDITORA E TIPOGRÁFICA

# RESSURGIMENTO

### COLEÇÃO DA GRANDE GUERRA

Ten. Mateus Moreno:

SANGUE D'EPOPEIA — A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES. (Autorizada a aquisição ás unidades, pela O. E. n.º 3 (1.ª série) de 1923).  
Vol. de 160 páginas, i lustrado . . . 5\$00  
DA GUERRA E DA PAZ. 3.ª edição il. . . 2\$00

Cap. José Brandão:

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA (Notas subsidiárias para uma). . . 5\$00  
POESIA

Mateus Moreno:

MINHA PÁTRIA (Poema em 3 livros e 3 jornadas).  
Ed. il. 96 pags. broch. 3\$00. Cada livro . . . 1\$00

Luís Calado Nunes:

ODES DE ANACREONTE. Vol. broch. . . 2\$50

Rebello de Bettencourt:

CANTIGAS, (com retrato do A.). 64 pag. . . 2\$50

Poetas do Algarve:

MUSA ALGARVIA, lindo vol. ilustr. . . 7\$50

### ESTUDOS E CRÓNICAS

Oldemiro César e Cruz Magalhães:

CAMPANHAS CAMILIANAS, 1 vol. il. . . 5\$00

D. Conceição d'Eça de Melo:

EÇA DE QUEIROZ REVELADO. Fol. il. . . 2\$50  
ROMANCES E NOVELAS

Eunice Franco:

O LOUCO AMOR, novela passionnal, trad. . . 3\$50  
ARTE

J. Saavedra Machado:

O DESENHO E A MULHER NO LABOR ARTÍSTICO DE RAFAEL BORDALO (edição de luxo em fascículos, a sair.)

### OBRAS VÁRIAS EM DEPÓSITO:

Do dr. João da Silva Correia:

«O doutor Adolfo Coelho - Pedagogo» . . . 5\$00  
«O papel das Escolas Normais Superiores na reorganização da sociedade portuguesa» (discurso) . . . 4\$00  
«A condução pedagógica da lição no ensino liceal» (tese de exame de estado) . . . 3\$00  
«Projecto de um programa de língua Materna para a Escola Primária Geral» . . . 2\$50  
«O problema do simbolismo fonético» . . . 3\$50  
«A difícil função do Professor em Portugal» . . . 3\$50  
«A interpretação verbal de sons e ruídos naturais» . . . 4\$00  
«A linguagem da mulher em relação à do homem» . . . 7\$50

Enviamos estas obras franco-porte a quem nos remeter a importância.  
Os assinantes da "Alma Nova" e de "A Garota" têm 20% de desconto.

Cooperativa Editora e Tipográfica

“RESSURGIMENTO”

PALÁCIO MURÇA — TRAVESSA DE ANDRÉ VALENTE, 7-1.º E.

L I S B O A

EXECUTAM-SE

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS

20 A 30 % MAIS BARATOS QUE NOUTRA QUALQUER PARTE

BASTA PARA ISSO  
INSCREVER-SE COM  
UMA OU MAIS ACÇÕES  
DE VINTE ESCUDOS  
NA COOPERATIVA  
EDITORA E TIPOGRÁFICA  
“RESSURGIMENTO”

Cada subscriptor deve obter o maior número possível de novos accionistas, em seu próprio interesse e no da Cooperativa.

Cada proponente tem direito a um *bonus* de 3% sobre as acções liberadas.

Só tem direito a elegibilidade para os cargos sociais da Cooperativa, os accionistas que capitalizarem para cima de 50 acções.

Enquanto a Cooperativa estiver *em organização*, todo o capital fica integralmente garantido, com o juro do Banco de Portugal.

Pedir boletins de inscrição e mais indicações á

TRAV. DE ANDRÉ VALENTE, 7-1.º E. ou C. DE JOÃO DO RIO, 8-1.º -- LISBOA

LEIA

a gáreta

A MELHOR PUBLICAÇÃO MENSAL DE ARTE E RECREIO

Redacção: T. André Valente, 7-1.º — Lisboa

■ Número avulso: 1\$50. Sem.: 8\$00. Ano: 15\$00.